

Título: Práticas e tensões políticas no cotidiano do poder: Adhemar de Barros (1938, 1947 e 1962)

Autor: Ari Marcelo Macedo Couto

Filiação Institucional: PUC-SP/UNIFIEO

As ações e práticas políticas cotidianas dependem das relações dos governantes com a sociedade civil. Apenas um político governou o Estado de São Paulo por três vezes, sendo uma como interventor federal, em 1938, e duas por eleição direta, em 1947 e 1962. Adhemar de Barros foi uma das figuras políticas mais controversas na história contemporânea. Fundou seu próprio partido político, que lhe garantiu legenda para as disputas eleitorais, foi acusado de ladrão e de populista, e teve como seu principal rival o ex-presidente da República Jânio Quadros. Talvez Jânio fosse a grande sombra política de Adhemar em São Paulo. Apesar da consagração como um dos líderes paulista, nunca conseguiu eleger-se presidente da República, das duas eleições que disputou. Adhemar apoiou João Goulart, mas em 1964 preferiu os militares. Os mesmos que o derrubaram em 1966, cassando o seu mandato. Em 1969, no exílio na França, faleceu em companhia da família. A pesquisa visa discutir e reconstruir o cotidiano político de Adhemar de Barros através das negociações com a Assembléia Legislativa, as articulações do poder e as lutas e resistências travadas dentro do Executivo.

Título: Práticas e tensões políticas no cotidiano do poder: Adhemar de Barros (1938, 1947 e 1962)

Autor: Ari Marcelo Macedo Couto

Filiação Institucional: PUC-SP/UNIFIEO

Em torno das discussões políticas contemporâneas, um homem se destacou, particularmente no Estado de São Paulo, como figura singular nas disputas pelo poder e pela imposição de seu poderio junto à sociedade paulista do século passado. Polêmico e intrigante, e tendo como seu maior desafeto o ex-presidente Jânio Quadros, Adhemar de Barros foi o único que governou o Estado por três vezes.

Suas passagens pelo Executivo estadual foram como interventor federal (em 1938) e por duas vezes (1947 e 1962), através de eleições diretas. Sua grande frustração, talvez, foi não ter conseguido se eleger presidente da República, numa disputa, em 1955, contra Juscelino Kubistchek, Juarez Távora e Plínio Salgado; e depois derrotado novamente, em 1960, por Jânio Quadros. Passou também pela prefeitura de São Paulo, em 1957.

A documentação sobre o líder político é escassa, poucos ousaram buscar retratar as relações políticas cotidianas de Adhemar de Barros, suas articulações com o poder e sua trajetória conturbada durante os governos. É sobre Adhemar a frase: “Rouba, mas faz”. Dentro do círculo dos mais diversos grupos sociais, através da apresentação de propostas de uma figura multifacetada, procuro identificar os anseios e desejos políticos dos eleitores paulistas e as propostas concretas oferecidas por Adhemar de Barros.

Sob o foco da cultura política, Adhemar de Barros transcende também a imagem do “Rouba, mas faz” como prática social. Impõe-se, talvez, pelo seu papel paternalista, bonachão e assistencialista em prol dos mais “pobres” ou da classe média descontente com a política local. O cotidiano político se coloca enquanto práticas sociais e fisiológicas, enquanto a possibilidade de recuperação de outras experiências, procurando enfocar o mundo da experiência comum como ponto de partida, juntamente com uma tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática.

Adhemar Pereira de Barros, nascido em 1901, provinha de uma família de ricos fazendeiros da região de Piracicaba, sendo sua mãe Elisa Pereira proprietária de grandes glebas de terras. Adhemar teve outros quatro irmãos, com quem passou sua infância na cidade de São Manuel, próximo a Botucatu. Estudou em colégios consagrados na região e sempre acompanhado dos filhos dos grandes fazendeiros e elite. Ingressou então na Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, fez pós-graduação no Instituto Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro), nos cursos de Parasitologia, Helminologia e Microbiologia. Posteriormente partiu para a Europa, onde permaneceu dois anos entre Hamburgo e Berlim (Alemanha), bem como em hospitais na França, Áustria, Suíça e Inglaterra, fazendo residência médica.

Em setembro de 1926, voltando da Europa no navio Capitão Polônio, Adhemar conheceu Leonor Mendes – nascida em São Paulo, em 21/7/1905 –, filha de Otávio Mendes e Elisa de Moraes Mendes. Dois meses depois ficaram noivos e se casaram no dia 6 de abril de 1927. O casal teve quatro filhos: Maria Helena, Adhemar Filho, Maria e Antonio. De regresso ao Brasil, Adhemar clinicou na

especialidade de ginecologia até 1932, quando se alistou na Revolução Constitucionalista como segundo tenente médico. Foi promovido a capitão e a delegado militar na região de Aparecida e Lorena.

A formação como médico influenciou o planejamento e a obra social do governo de Adhemar de Barros. Em todas as administrações a prioridade foi dada sempre aos setores da Saúde Pública e da Educação, áreas que ele considerava indispensáveis para o desenvolvimento do Estado de São Paulo. Dentre algumas realizações estão o Hospital do Pênfigo Foliáceo (“Fogo Selvagem”), no Mandaqui; construção de unidades para tuberculosos, inauguração do hospital das Clínicas e do Hospital do Juqueri, dentre outros.

Isto nos remete a entender que Adhemar de Barros buscava, principalmente com obras na área da saúde, voltar seu projeto político para o assistencialismo, de modo paternalista. Com isto, delineava suas práticas sociais dentro de um cotidiano político, marcado por interesses particulares de prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais. Esse projeto, voltado para os pobres e construído no cotidiano, de fato lhe trazia dividendos políticos.

As Ciências Sociais e História vem efetivamente aumentando seus estudos sobre o sistema político nacional. Revelando o funcionamento dessas legendas, o comportamento das mesmas no Poder Legislativo e a relação entre esse poder e o Executivo. Mas os estudos são menores sobre homens públicos que fizeram da política a sua profissão, os que viveram ou vivem para a política e da política.¹

Por isso pretende-se estabelecer como essas relações políticas se constituem no cotidiano do governo de Adhemar de Barros. Aprofundar o estudo, interagindo com essa vertente, a respeito do político, além do foco exclusivo dos estudos e pesquisas sobre os partidos políticos.² Busca-se estender as análises e compreensão dos partidos políticos constituídos durante os governos de Adhemar de Barros e se eles formavam ou não a base política do governo.

A passagem de Adhemar pela política nacional perpassa por uma trajetória que se iniciou em São Paulo, nos anos 30 – mais precisamente em 1935 –, quando se elegeu deputado à Assembléia Constituinte e à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, pelo PRP. Adhemar marcou sua trajetória como deputado com fortes críticas ao modelo político adotado pelo governo do presidente Getúlio Vargas, inflamava seus discursos na tribuna da Assembléia conclamando os paulistas a se posicionarem contrários à administração federal.

Mas, ao mesmo tempo buscava se aproximar do ditador, tanto é que foi escolhido interventor de São Paulo em 1938. Vargas fez questão de virar a página e esquecer o desafeto que tinha por Adhemar de Barros e, dentre os indicados na lista do PRP, escolheu exatamente o então deputado. “A trajetória de

¹ MARTINS RODRIGUES, Leôncio. *Transparência, o preço da vida pública*. Folha de São Paulo, p. 2.

² São clássicas as obras sobre partidos políticos de CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*; CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. *Estado e partidos políticos no Brasil*; e mais recentemente MARTINS RODRIGUES, Leôncio. *Partidos, ideologia e composição social*.

Adhemar de Barros na Interventoria processou-se, durante todo o tempo, sobre um verdadeiro vulcão, sempre prestes a erupção”.³ Permaneceu como interventor até 1941, depois de estabelecer uma relação complicada com a base de sustentação de seu governo e colidir com o Estado getulista.

Durante seis anos Adhemar de Barros buscou articular-se politicamente para voltar ao governo. Tentou ingressar na União Democrática Nacional (UDN), enfrentando resistência. Foi então que resolveu unir seus correligionários e amigos políticos e fundar, em 1945, o Partido Republicano Progressista (PRP). “(...) Nasceu da disposição de luta de um punhado de companheiros de Adhemar que, face às razões já referidas, entenderam fundar a própria agremiação”.⁴ Era a fórmula encontrada por Adhemar para voltar a ser governador do Estado de São Paulo. Teria seu próprio partido imprimindo-lhe suas idéias e ainda garantiria legenda para o pleito, que ocorreria em 1947.

Adhemar foi eleito governador em 1947 - com o apoio do Partido Comunista - pelo PRP, que absorveu mais tarde o Partido Popular Sindicalista e o Partido Agrário Nacional. A candidatura adhemarista era considerada como um azarão, visto que seu candidato disputava contra Mário Tavares, presidente do Banco do Estado e do PSD de São Paulo; o professor Antônio de Almeida Prado, pela UDN; e Hugo Borghi, pelo PTN. Sob a direção de Adhemar de Barros e com a união dos dois partidos (PPS e PAN), fundou-se o Partido Social Progressista, agremiação que sustentaria o líder Adhemar até o seu último governo. “O PSP, em particular, não era reconhecido como partido, visto que não correspondia ao modelo normativamente preferido por muitos desses cientistas políticos, calcado em (supostos) padrões europeus”.⁵

O PSP era um partido regional forte, mas não chegou a ameaçar a hegemonia de outras três grandes legendas: PSD, UDN e o PTB. Tinha uma bancada sim que pleiteava, como ocorreu no governo João Goulart, um ou outro ministério no governo federal. “A despeito de nunca ter se constituído como partido nacional, o PSP suplantou os grandes partidos nacionais em São Paulo e (...) foi um fator de bloqueio ao acesso e estruturação desses partidos no contexto paulista”.⁶

Em 1955 nova derrota, agora para a presidência da República. Apenas em 1957, Adhemar de Barros superou suas derrotas políticas e conseguiu se eleger como prefeito de São Paulo, derrotando, entre outros, Jânio Quadros. Tentou novamente disputar o governo do Estado, em 1958 e, em 1960, a presidência da República, não logrando êxito. E 1962, mais uma vez, elegeu-se governador do Estado de São Paulo.

As discussões políticas sobre Adhemar de Barros e suas relações com o cotidiano do poder são importantes para entender as questões contemporâneas. A política pensada como uma relação entre-os-

³ BENI, Mario. *Adhemar*. São Paulo: Grafikor, s/d, p. 166.

⁴ *Idem*, p. 177.

⁵ SAMPAIO, Regina. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global Editora, 1982, p. 13.

⁶ *Idem*, p.17.

homens, promíscua ou não, autoritária ou liberal, não pode ser constituída sem levarmos em conta certos aspectos e agentes públicos que a fizeram ao longo, particularmente, desse período republicano.